

**A MÍSTICA NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
IMAGENS, TEMPOS, ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS**

**THE MYSTICS IN THE GRADUATION IN FIELD EDUCATION:
IMAGES, TIMES, SPACES AND EXPERIENCES**

**MÍSTICA EN LA LICENCIA EN LA EDUCACIÓN DE CAMPO:
IMÁGENES, TIEMPOS, ESPACIOS Y EXPERIENCIAS**

Célia Beatriz Piatti¹
Jucelia Souza da Silva²

Resumo

Apresentam-se, neste estudo, imagens que remetem a construções imateriais das lutas e da história dos povos camponeses por meio de símbolos, evidenciando a mística na licenciatura em Educação do Campo. O objetivo é refletir quanto às possíveis significações desses símbolos dentro de um contexto e como são construídos e preservados tais mecanismos de expressão em tempos de resistência e construção histórica. Busca-se, por meio de imagens de momentos com os docentes e os discentes de uma Licenciatura em Educação do Campo, apresentar os sentidos, os significados, os tempos e os espaços presentes em momentos da mística. Considera-se que esses momentos são necessários à coletividade e à formação da militância para futuros professores da Educação do Campo que atuarão em escolas do campo.

Palavras-chave: Mística; Educação; Imagens.

Abstract

This study presents images that refer to immaterial constructions of struggles and the history of peasant peoples through symbols are presented, showing the mystique in the field of Education in the Countryside. The aim is to reflect on the possible meanings of these symbols within a context and how these mechanisms of expression are built and are preserved in times of resistance and historical construction. Through images of moments with teachers and students of a Graduation in Education of the Field, we present the meanings, times and spaces present in times of mysticism. It considered that these are moments necessary for the collective and the formation of militancy for future teachers of the Field Education who will work in rural schools.

Keywords: Mystics; Education; Images.

Resumen

En este estudio, se presentan imágenes que se refieren a construcciones inmateriales de las luchas y la historia de los pueblos campesinos a través de símbolos, que muestran la mística en el campo de la

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenadora do grupo de Pesquisa e Estudos em Formação de Professores - GEPFORP/UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2733-8218>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8574153185322729> E-mail: celiabpiatti@gmail.com

²Doutora em Letras, na área de Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Docente do Curso de Licenciatura em Educação no Campo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-71128675> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7505435986191814> E-mail: daspalavrasjucelia@gmail.com.

Educación en el Campo. El objetivo es reflexionar sobre los posibles significados de estos símbolos dentro de un contexto y cómo estos mecanismos de expresión se construyen y preservan en tiempos de resistencia y construcción histórica. A través de imágenes de momentos con docentes y alumnos de un Grado en Educación Rural, buscamos presentar los sentidos, significados, tiempos y espacios presentes en momentos de misticismo. Se considera que estos momentos son necesarios para la comunidad y la formación de activistas para futuros maestros de Educación Rural que trabajarán en escuelas rurales.

Palabras clave: Místico; Educación; Imágenes.

Introdução

Quando os povos dos campos em sua rica diversidade se mostram vivos, dinâmicos e até incômodos, fecundam e dinamizam até a escola. Nos obrigam a redefinir olhares e superar as visões inferiorizantes, negativas com que nosso viciado e preconceituoso olhar classificamos os povos do campo e seus modos de produção, agricultura familiar e suas instituições, a família e a escola (Arroyo, 2010, p.12).

A epígrafe acima mostra a necessidade da reflexão acerca do olhar para tempos e espaços educativos que estão no campo. Que campo é esse? Quem são esses povos? Que histórias carregam? Que símbolos os identificam? Essas são perguntas que ecoam na luta que nasce na terra, pela terra e para a terra, quando essa luta está vinculada à educação do campo.

Essa modalidade de educação tem sido protagonizada pelos povos do campo e suas organizações sociais em busca de um direito silenciado por décadas. Conforme aponta Caldart (2009), “[...] o direito à educação sempre acompanhou a construção da sociedade e dos sujeitos que se constroem construindo-a” (Caldart, 2009, p.7).

Essa busca pelo direito à educação está relacionada à necessidade de formar sujeitos que possam viver o sentido e o significado da vida no campo, por meio de símbolos e simbologias, ou seja, de representações que os caracterizam e os façam reavivar a força de uma cultura, de uma identidade, de uma luta. Nesse sentido, um dos símbolos dessa luta é a mística. Mas, o que é a mística? “A mística na militância é a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais.” (Bogo, 2012, p.477).

De acordo com Coelho (2014, p.19), a mística “[...] é uma prática do MST, com algumas formas particulares de se manifestar ou ser concretizada... para o MST é uma forma de ritual que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos

variados.” Sentidos esses que são pessoais e que se revelam em significados que são sociais e pertencentes a um coletivo com interesses comuns.

Nessa perspectiva, neste trabalho a mística na licenciatura em Educação do Campo, a partir dessa prática do MST, é nosso objeto de estudo por considerarmos que é necessária ao conjunto de situações referenciadas em uma licenciatura em Educação do Campo. Ela permite aos sujeitos em formação reconhecerem-se por meio de momentos de reflexão sobre a escola e a educação do campo como compromisso social.

Para essa compreensão, organizou-se este texto considerando-se como ponto de debate as imagens, os tempos, os espaços e as experiências realizadas em uma licenciatura em Educação do Campo, uma vez que estes podem ser tomados como elementos significativos para refletir sobre o campo e a escola do campo.

Ressalta-se que as imagens foram selecionadas aleatoriamente frente aos inúmeros registros realizados durante momentos da mística na licenciatura em pauta. Momentos que concretizam reflexões inerentes à formação de militância para futuros professores das escolas do campo.

A Educação do Campo – processos de vida e trabalho

Nossa reflexão inicia-se ao compreender o campo como lugar de luta que é também lugar de história, de memória, de identidade, de vidas que se entrecruzam num emaranhado de luta pela terra, mas também pela educação.

A Educação do Campo, dever do Estado, tem forte presença da demanda de movimentos sociais, os quais originam-se de ações coletivas, que unem sujeitos sociais em torno da luta por objetivos comuns e que formam identidades coletivas, integrando as múltiplas identidades individuais construídas a partir de grupos que vivem no campo.

Pode-se afirmar que a Educação do Campo nasceu tomando posição contra a lógica e o modelo de desenvolvimento gerador de assimetrias sociais, políticas e econômicas construídas historicamente no Brasil (Silva, 2017, p. 193), modelo que se pauta em um discurso hegemônico de modernização urbana e que afirma que o campo encontra-se em atraso.

Para Caldart (2009, p.21), “[...] há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades de considerar a maioria da população que vive no campo como parte atrasada e fora do lugar no almejado projeto de modernidade.”

Essa tendência defende uma educação universal, vista como igual para todos, mas que historicamente serviu para negar o direito a uma educação para o contexto do campo, em que a prioridade seria o respeito aos modos de vida da população que vive nesse espaço e, portanto, deveria atender a prerrogativa de romper com a imagem pejorativa de que “[...] a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler” (Arroyo, 2009, p.71).

Posto isso, para Caldart (2009), o campo no Brasil está em movimento, já que nesse espaço há tensões, lutas sociais, organizações e movimentos de trabalhadores e trabalhadoras da terra que estão mudando o jeito de a sociedade olhar para o campo e seus sujeitos. Na história de resistências pela terra, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) também busca o direito à especificidade de uma escola que se constitua na e para a construção de uma identidade alusiva ao campo.

A mesma autora afirma que, quase ao mesmo tempo em que começaram a lutar pela terra, os sem-terra do MST também começaram a lutar por escolas e, sobretudo, para cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de garantir seu acesso a ele. No início não havia muita relação de uma luta com a outra, mas, aos poucos, a luta pela escola passou a fazer parte da organização social de massas de busca pela Reforma Agrária, transformando-se no Movimento dos Sem Terra, movimento que, em sua luta, busca construir a história dessas escolas e de seus sujeitos em sintonia para recuperar os direitos negados.

Fernandes (2009, 139) afirma que “a história do campo brasileiro é a história da luta contra o cativo e contra o latifúndio.” Para ele, a Educação do Campo é um conceito cunhado com a preocupação de se limitar um território teórico, isto é, com a finalidade de “defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde se vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade (Fernandes, 2009, p.141).

Depreende-se que “[...] a visão de campo e de vida só pode ser construída a partir da luta pela terra e da luta e da resistência para ficar na terra. E essas lutas foram desenvolvidas pelos sem terra, pelos camponeses, pelos quilombolas, pelos povos indígenas” (Fernandes, 2009, p.138). Nesse sentido, Arroyo (2009) afirma que a escola tem que se preocupar com o direito à construção de conhecimentos e saberes, portanto a escola do campo não pode ser apenas um lugar de se conhecerem as letras, ela tem que ser mais rica, incorporar o saber, a cultura e o conhecimento socialmente construído.

O mesmo autor afirma que é preciso que os saberes sociais – saberes que estão instituídos no campo e que se originam da própria vida camponesa – sejam construídos historicamente, pois nem todos os saberes sociais estão no saber escolar, nem tudo que está no currículo urbano é saber social, logo não têm que chegar à escola do campo.

Há uma cultura³ urbana, mas, sobretudo, há uma cultura da terra, da produção e do trabalho, ou seja, do modo de vida rural. Por isso, não é possível romantizar a vida no campo, pois ela sempre foi tensa no que diz respeito à relação do homem com a terra. Foi nessa permanente tensão, e não em uma relação ingênua, que se produziram as matrizes culturais que ainda marcam esse contexto. Essas matrizes culturais devem ser levadas em conta no sentido amplo de cultura, de humanização, de historicidade e de práticas sociais.

Para Arroyo (2009), é importante reconhecer a força que têm as matrizes culturais da terra e incorporá-las ao projeto pedagógico das escolas. Posto isso, é necessário congregá-las às transformações constantes que as lutas no campo provocam nessas matrizes culturais, tendo em vista a dinamicidade dessa cultura.

Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos, como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção (Arroyo, 2009, p.79).

Nas palavras de Fernandes (2009, p.137):

³A cultura, nesse estudo, é vista como algo inerente ao homem, uma vez que ele é considerado como ser social. Não há possibilidades de se conceber o sujeito sem pensar a cultura. Portanto, qualquer ser humano aprende, apreende e se adapta a diferentes culturas em diferentes espaços. A cultura ultrapassa a questão biológica e afirma a historicidade do homem enquanto ser social (Piatti, 2014, p.07).

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas.

Caldart (2009) acrescenta que o próprio nome ou expressão “Educação do Campo” já identifica também uma reflexão pedagógica que nasce das diversas práticas de educação e/ou pelos sujeitos do campo. É uma reflexão que reconhece o campo como lugar onde não apenas se reproduz pedagogia; reflexão que desenha traços de que é possível constituir um projeto de educação ou de formação dos sujeitos do campo. Por conseguinte, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação.

Construir a Educação do Campo significa dar vida a esse movimento da educação, fortalecendo a identidade de educadores e educadoras e dos povos do campo com direito à educação que responda às suas especificidades locais, sem isolar a escola de um contexto amplo e universal. A partir dessas reflexões, há um compromisso em ampliar cada vez mais as possibilidades de formação dos educadores sociais, na perspectiva de reconhecer as demandas do campo nas comunidades e nas escolas.

Nesse sentido, as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo apontam que “O que está em jogo é definir, em primeiro lugar, aquilo no qual se pretende ser incluído, respeitando-se a diversidade e acolhendo as diferenças sem transformá-las em desigualdades” (Brasil, 2002. p.29). O documento também supõe “[...] em primeiro lugar, a identificação de um modo próprio de vida social e de utilização, delimitando o que é rural e urbano sem perder de vista o nacional” (Brasil, 2002, p.29).

É, portanto, importante refletir sobre a escola que se produz no campo e como os sentidos e significados dessa vida dos camponeses, que acontece no campo, podem e devem ser valorizados na escola, cuja função é possibilitar a apropriação do conhecimento científico acumulado pela humanidade, mas é também espaço de luta por direitos.

Um projeto de educação básica do campo tem que incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura, uma visão mais digna do campo, o que será possível se situarmos a educação, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura como direitos e

as crianças e jovens, os homens e mulheres como sujeitos desses direitos (Arroyo, 2009, p.82).

Ao compreender essa visão incorporada à cultura, entende-se que, em cada espaço, os coletivos experimentam e compartilham sonhos, utopias, idealismos, fracassos e vitórias, situações essas que simbolizam cada momento de vida e a expressão de sentimentos e, portanto, estão carregadas de símbolos e simbologias que possibilitam experimentar o mistério, que é a mística. Mas o que é a mística? Um mistério? Se mistério significa algo oculto, a mística é o oculto que se revela. É o símbolo que representa uma vida, uma história, uma conquista, uma vitória, um desafio.

Considera-se que a mística é uma intenção expressa em uma prática. Originalmente configura-se em base religiosa, mas, de acordo com Coelho (2014), o seu entendimento deixou de pertencer apenas ao campo religioso, pois “[...] o conceito de mística é complexo, dependendo muito da abordagem escolhida e da área em que está inserido o pesquisador” (Coelho, 2014, p.112). Todavia, ressalta-se que, por mais que os sentidos das palavras se modifiquem ou se incorporem, há resquícios de seu conceito original, por isso o conceito de mística se remete à dimensão do mistério.

Experimentar o mistério no bojo desse processo é sentir uma energia inexplicável que ergue corpos cansados, alimenta-os de rebeldia e os faz seguir sonhando e lutando pela afirmação do desejo de poder viver em uma nova realidade, liberta das correntes mantidas pelas forças opressoras. Essa rebeldia que move os homens e mulheres em luta nasce, muitas vezes, de um sentimento de indignação contra aqueles que os oprimem e traduz-se também em uma luta contra uma forma de submissão que se caracteriza pela introjeção da condição de subalternidade pelos próprios oprimidos, sendo assumida, às vezes, como própria de sua natureza humana (Medeiros, 2002, p.151).

É nessa perspectiva que a mística tem seu lugar na Educação do Campo, um lugar de reflexão, de ousadia, de luta, de união de sujeitos dispostos a lutar por um direito à educação nas escolas do campo, bem como na universidade. São vozes que ecoam, símbolos que nascem, silêncio que fala, gestos que traduzem, olhares que expressam, corpos que se movimentam. A mística nem sempre é uma cena ensaiada, mas é momento que abrolha do contexto onde está inserida a luta, pois é um ato intencional. Os sujeitos da Educação do Campo expressam, em cada momento da mística, o desejo por uma Educação que seja para os sujeitos do campo.

O mistério que se revela na luta – a mística na Educação do Campo

Ao adentrar no terreno do simbólico, aqui em evidência a mística, várias outras possibilidades de significação são ativadas na expressão daquilo que o sujeito pretende comunicar, além daquelas facilmente identificáveis ou reconhecíveis pela linguagem verbal.

É a respeito desse campo simbólico de produção e atribuição de sentido que pretendemos contextualizar ao falar de algo muito peculiar na licenciatura em Educação do Campo. Tratamos daquilo que vai para além das aulas, que se dá com elas e as ultrapassa na convivência cotidiana, no preparo e no acolhimento dos conteúdos em sala, no momento intervalar que traz ligação no todo que se dá durante o que se chama de Tempo-Universidade⁴ (Tempo-Escola) dentro da modalidade de alternância⁵ do ensino.

Não são as palavras proferidas durante a aula ou as retas traçadas na lousa simplesmente, são sinalizações e gestos que apontam um ambiente próprio do que constitui essa licenciatura, que tem suas origens na luta pela terra, nos movimentos sociais, em especial no MST e na voz e ação daqueles que povoam e vivem no campo.

Estamos falando da mística como um elemento integrador e constante no tempo-universidade. E esta, sabemos, tem sua origem nos movimentos sociais do campo, influência das ações pastorais religiosas, de certa liturgia cotidiana nos gestos dos povos camponeses, como ferramenta de luta e resistência. Esses povos do campo, ao adentrarem na universidade, trazem consigo a mística que lhe é própria, natural, e agrega ao tempo formativo.

Portanto, ao apontar a mística como campo simbólico, estamos diante de algo subjetivo que não foi transmitido pela licenciatura em si; o movimento é justamente ao contrário, a mística veio com o licenciando como parte integradora daquilo que ele é,

⁴Tempo Universidade – Na Pedagogia da Alternância é o tempo em que os alunos da licenciatura em Educação do Campo estão na universidade com atividades de enfoque teórico.

⁵A Pedagogia da Alternância representa uma proposta teórico-metodológica inscrita no tempo e no espaço da caminhada pela construção da Educação do Campo. É uma pedagogia que tem a sua gênese nas necessidades das populações camponesas, por isso é organicamente vinculada ao campo (Correia & Batista, 2012, p. 173).

enquanto sujeito camponês, que faz parte de uma comunidade e das lutas que são travadas para garantir sua voz e permanência no lugar que lhe é próprio.

Sabemos que há diversas formas de comunicar uma mensagem e, nesse sentido, a escolha pelo simbólico por parte do enunciador (coletivo) é uma marca de situações em que o plano de expressão (como se diz) e o plano de conteúdo (o que se diz) pretendem perpetuar-se por um tempo não apenas imediato, de mera transmissão de uma informação. A união de vários gestos, objetos, sons e pessoas como protagonistas forçam o receptor a atribuir significado ao que vê ou ouve por meio de símbolos ou, em outras palavras, requer interação e com ela continuidade na memória.

O campo é um espaço de disputa política, econômica e que, para além da luta pela terra, os povos que ali vivem também buscam outros direitos, como educação, saúde, condições para permanecer ali em seu espaço de trabalho e de vida. Por isso, também há uma constante linguagem sem palavras que agrega símbolos daquilo que lembra e representa sua história, ou seja, as nuances de sua trajetória, os frutos alcançados, as perdas, o imaterial que os anima e coloca em prontidão.

Para os que participam do MST, a mística é num primeiro momento um ato cultural, apelativo para a simbologia do mistério e do além da realidade perceptível, para explicar a história, a ideologia, a violência, os despejos, os confrontos, as conquistas ou decepções, com uma relação, mesmo que subjetiva, com sentimentos religiosos carregados pelos trabalhadores no Movimento, acampados ou assentados (Comilo & Brandão, 2010, p.6).

O MST, enquanto movimento popular que luta pela reforma agrária, traz em seu interior a mística como elemento pedagógico identitário. Sua expressão dá mostras de sua própria trajetória. Os trabalhadores do campo são, inúmeras e repetidas vezes, expulsos de seu lugar, sua casa, por uma desigual competição de forças. A licenciatura em Educação do Campo surge como resposta a essa luta camponesa, antagônica ao processo e às relações econômicas capitalistas no campo, onde o esforço pela permanência na terra pressupõe alternativas de emancipação social, e a educação é uma delas.

Ao construirmos um tempo e um espaço para a mística, estamos oferecendo aos estudantes da licenciatura a oportunidade de vincular práticas de Educação do Campo

com o processo de construção de um projeto de vida de sujeitos do campo. Nesse sentido, para Pires (2012, p.109), “[...] pensar a escola do campo é não reduzir a questão aos limites da escola, mas considerar os diversos espaços e formas de educação.” A mesma autora afirma que é preciso tomar como base a concepção de formação como processo em permanente construção, pois ela é permeada de contradições objetivas e subjetivas, nas quais os sujeitos do campo vão se constituindo.

Assim, a escola precisa conceber a prática pedagógica como práticas sociais, nas quais educação e trabalho são vinculados à cultura, com organização coletiva e atitudes questionadoras na busca por um projeto educativo real e transformador.

A mística, nessa configuração, representa imagens de tempos vividos, de projetos em formação, de sujeitos em luta, que carregam em suas bagagens histórias que revelam a possibilidade de transformação no espaço onde vivem e trabalham.

Em cada momento, a mística traduz o que os sujeitos do campo vivem em seus processos de vida e trabalho. É o gesto que inspira, a lágrima que revela, a gargalhada que ecoa, os rostos que reconhecem e traduzem uma luta que tem caminhos longos a serem percorridos. A mística não é um momento qualquer, em que a cena é apenas teatral e os personagens ensaiam. É o tempo de refletir sobre ideologias, confrontos, lutas, conquistas, fracassos e tudo o mais que nasce na luta pela terra.

Quando, ao iniciarmos as aulas, deixamos espaço para a mística, significa que, nesse espaço, a luta tem vida. Há um compromisso com a escola, que também está na luta por seu espaço no campo. Depreende-se, então, que

[...] durante a realização das místicas no MST, usa-se a linguagem verbal e não verbal, assim como as expressões culturais e os saberes adquiridos na luta pela terra, socializando os momentos específicos com todos os presentes na celebração. Em termos antropológicos, dá-se um avivamento da cultura de cada lugar, enquanto cultura do chão e da terra, lugar de onde brotam os trabalhadores e suas lavouras (Comilo & Brandão, 2010, p. 5).

Esse avivamento é latente também na Educação do Campo, contexto no qual nasce a luta pela educação aliada à cultura camponesa. Assim, uma reflexão se faz necessária: “[...] como a escola vai trabalhar a memória, explorar a memória coletiva,

recuperar o que há de mais identitário na memória coletiva? Como a escola vai trabalhar a identidade do homem e da mulher do campo?” (Caldart, 2009, p.9).

Entre tantas possibilidades e recursos para discutir essa questão, a mística é um dos caminhos. Cabe salientar que há uma forma de ver o campo a partir da visão de uma “... cultura hegemônica que trata os valores, as crenças, os saberes do campo de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos” (Caldart, 2009, p.79).

Nesse sentido, a mística representa uma experiência coletiva que situa a educação como processo de transformação, de emancipação. Dessa forma, “[...] entendemos que a educação do e no campo vai além da educação formal e da escola, na medida em que ela possibilita a construção de um projeto educativo que dialoga com a realidade mais ampla onde está inserida” (Pires, 2012, p.110). A mística é um tempo de resgate, de olhar para a história de vida dos sujeitos e, portanto, “[...] na prática, trabalha o saber dialético, dinâmico e vivo, pois, nem sempre a realidade é reveladora e, o sentido da palavra está na vida das pessoas” (Comilo & Brandão, 2010, p.6).

Ao reconhecer que a Educação do Campo nasce de um projeto de educação protagonizado pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas organizações sociais, não é possível deixar de resgatar a mística junto aos estudantes da licenciatura em Educação do Campo, já que ela se constitui num dos aspectos prementes de luta dentro dos movimentos sociais. Considera-se que a Educação do Campo na licenciatura não deve perder de vista a memória que, uma vez resgatada, incide na possibilidade de transformação.

Experiências, Imagens-Tempo e Espaço Educativo – A Mística na Licenciatura em Educação do Campo

Um momento, uma história, um sentimento que se traduz ao fim de um tempo de aula de debates e de reflexões intensas. A mística na Educação do Campo pode ser vista como a aproximação da história de cada sujeito que luta pela terra e pela educação. Nossos registros nos põem à frente de imagens que traduzem a luta pela Educação do Campo, pela possibilidade de estudar, de vencer, de levar para o campo os saberes construídos, isto é, os conhecimentos científicos advindos das ciências. Por isso, é

importante pensar a mística como um importante momento no processo de integração dos estudantes e professores.

A cena a seguir, representada em imagens, se deu no corredor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e foi organizada por um dos coletivos da turma do 1º semestre (2014) da Licenciatura em Educação do Campo – Leducampo. De início, houve uma pequena dramatização quanto à vida de uma família do campo que vê a filha mais velha pedir para ir para a cidade estudar. Ela volta, depois de anos, disposta a transformar a escolinha rural em uma escola de fato do campo.

Ao final, a mística se deu espontaneamente, ao som de “Para não dizer que não falei das flores”,⁶ quando os demais colegas foram juntando-se uns aos outros, dando os braços e caminhando pelos corredores da universidade, formando uma bela multidão cantante. O que isso quis representar? A resposta fica para o receptor, aqueles que viveram, aqueles que assistiram, aqueles que leram a descrição, pois se há alguma significação para o simbólico, é justamente o trabalho que fica para quem o recebe atribuir. Somente assim ele cumpre seu papel, serve para ir além, quando as descrições e legendas são inexprimíveis por palavras.

Imagem 1- A mística na Educação do Campo



Fonte: Fotografia das autoras (2014).

⁶Música de Geraldo Vandré lançada em 1968 .

A Educação do Campo, enquanto ferramenta emancipatória dos povos do campo, traz consigo os costumes e as representações próprias desses sujeitos. A terra, na condição de espaço de vida, traz consigo sinalizações de uma história de lutas, dos enfrentamentos dos diversos movimentos sociais presentes no campo. Dessa forma, entende-se que:

A mística no MST é o mistério materializado por meio de simbologia da cultura popular. É a presença ancestral da relação do homem e das mulheres com a terra e com os meios para nela trabalhar e produzir, não apenas alimentos, mas, modos de organização e histórias de vida que se fazem presente por meio da mística (Comilo & Brandão, 2010, p. 7).

É por isso que as imagens – selecionadas para compor esse momento durante um tempo universidade – trazem direções comuns: o girassol (símbolo da Educação do Campo), as sementes crioulas cultivadas nas comunidades, as fotografias e os objetos de vivências familiares, os objetos de estudo e trabalho, dentre outros, como podemos observar nas figuras a seguir:

Imagem 2- A Mística / A palavra



Fonte: Fotografia das autoras (2014).

Esse girassol representou a possibilidade de, em silêncio, cada aluno caminhar e depositar nele uma palavra. Não era o momento de proferir a palavra, mas de registrá-la

como um grito silenciado que precisa ser mostrado, aclamado, para representar o que esses sujeitos sonham, reivindicam, almejam e concretizam em suas ações. Não foi necessário falar, pois o girassol representou cada sujeito naquele momento, validou posturas, reforçou conquistas políticas e sociais e a mística revelou-se na possibilidade da reflexão.

Imagem 3 - A mística /Histórias e Memórias



Fonte: Fotografia das autoras (2014).

Os objetos expostos no chão podem não ter sentido para quem os olha, mas, para quem os colocou nesse lugar, eles têm “voz”, expressam histórias. Quando os alunos foram convidados a expor um objeto de sua vida, ali estavam registradas as histórias que viveram com suas famílias, ligadas à luta pela terra, às opressões, às conquistas.

Portanto, ao considerar que “[...] os movimentos populares trazem o sentido da mística como forma de expressar a cultura, a arte e os valores como parte da vivência de luta no processo de transformação da realidade social” (Bogo, 2012, p. 476), as imagens que vemos remetem ao trabalho, ao valor e ao cuidado com a terra, à escola, às brincadeiras, às ações de ser gente, mesmo que a cada dia o esforço recomeça para resistir às mortes que lhes são apresentadas. Como Bogo (2012, p. 478) explica, cada uma dessas representações é o “[...] anônimo para enfrentar as dificuldades e sustentar a solidariedade entre aqueles que lutam.”

Outra imagem que favoreceu a mística é a que será mostrada a seguir. Ao chegar para iniciar as aulas, os alunos se deparam com as sementes crioulas cultivadas nas comunidades espalhadas pelo chão, símbolo de trabalho. Em um momento de surpresa, cada um pega um espécie de semente e entrega ao colega. Essa prática é cultural, acontece nas comunidades. É um gesto de troca, de partilha entre os camponeses. É uma troca carregada de valores simbólicos, de concretização do coletivo, da união, da força do trabalho que nasce da terra. Momentos que não exigem palavras, mas gestos que representam histórias de vida e de trabalho.

Imagem 4 - A mística / Sementes Crioulas



Fonte: Fotografia das autoras (2014).

Pondera-se que a mística, ao ser compartilhada entre professores e alunos, traz uma forte intenção, pois, “como educadores precisamos ter claro” o que está em questão cada vez que nos encontramos com nossos educandos: “... estamos diante de seres humanos, que merecem nosso respeito e dedicação, como seres humanos, e como sujeitos de uma organização que luta por dignidade” (Caldart, 2003, p.4). Nessa ideia, a autora aponta pelo menos três tarefas importantes de educação no MST que a escola pode assumir na perspectiva de cultivar e fortalecer os processos de enraizamento humano: a memória, os valores e a mística.

A memória, na perspectiva de conceber a escola como lugar de “[...] celebrar, construir e transmitir, especialmente às novas gerações, a memória coletiva, ao mesmo

tempo em que buscar conhecer mais profundamente a história da humanidade” (Caldart, 2003, p.70). Os valores serão trabalhados com o objetivo de permitir a cada pessoa crescer em dignidade, humanidade. A escola pode ser esse lugar de construção coletiva de valores. “Mas a escola não fará isto apenas com palavras, e sim com ações, com vivências, com relações humanas, temperadas por um processo permanente de reflexão sobre a prática do coletivo, de cada pessoa” (Caldart, 2003, p.70).

E, por fim, a mística:

É a alma dos lutadores do povo; o sentimento materializado em símbolos que ajudam as pessoas a manter a utopia coletiva. No MST a mística é uma das dimensões básicas do processo educativo dos Sem Terra. A escola pode ajudar a cultivar a mística, os símbolos e o sentimento de fazer parte desta luta. Não fará isso se não conseguir compreender o desafio pedagógico que tem, diante da afirmação de uma criança de acampamento ou assentamento que diz: sou Sem Terrinha, sou filha da luta pela terra e do MST! (Caldart, 2003, p.12).

Nessa imagem, mostrada a seguir, a mística acontece por meio da exposição dos símbolos do campo ao som da história de Margarida Maria Alves, uma sindicalista paraibana e defensora dos direitos humanos. Ela foi responsável por mais de cem ações à frente do sindicato da cidade onde morava; foi assassinada na porta de sua casa por um matador de aluguel. Em um discurso proferido no dia do trabalhador, três meses antes de sua morte, afirmou: “melhor morrer na luta do que morrer de fome”. Essa lutadora que morreu na e pela militância traz à tona a emoção. Cada objeto colocado sobre a toalha pelas mãos dos alunos representa a vida e a morte dessa lutadora, bem como a vida e a luta pela educação. Sentimentos afloram e, novamente, a luta é colocada em pauta. Não há educação do campo sem essa luta.

Imagem 5 - Margarida Alves – Uma lutadora



Fonte: Fotografia das autoras (2014).

Considera-se então que uma lição a ser aprendida é que “[...] para fazer uma escola do campo é preciso olhar para as ações ou práticas sociais que são constitutivas dos sujeitos do campo” (Caldart, 2003, p.12). Logo, na licenciatura em Educação do Campo, esse resgate precisa ser garantido para que, em formação, os futuros professores das escolas do campo compreendam a luta que se apresenta.

Considerações Finais

A mística é a expressão dos sentimentos humanos e resgata saberes e conceitos, tendo o homem e os seus símbolos como elementos principais (Comilo & Brandão, 2010, p. 14).

Considera-se, de acordo com a epígrafe, que em uma licenciatura, na universidade, lugar de produção de conhecimentos, é possível trazer à tona, por meio de símbolos, histórias importantes para o resgate de fatos e acontecimentos que marcam uma luta. Luta essa que não pode ser esquecida, silenciada...

Conforme anunciado no objetivo deste estudo, o que se buscou foi refletir acerca das possíveis significações desses símbolos dentro de um contexto e como são construídos e preservados tais mecanismos de expressão em tempos de resistência e construção histórica.

Considera-se que a licenciatura em Educação do Campo pode trazer em sua organização a mística como forma de representar o sentido e o significado que a luta representou para esses estudantes, que hoje estão sentados, com garantia de direitos, na cadeira da universidade.

A Mística representa “[...] o mistério materializado por meio da simbologia da cultura popular” (Comilo & Brandão, 2010, p. 14). Ao ser materializada, entende-se que ela tem papel importante nos contextos de ensino, nos quais estão os sujeitos do campo. Portanto, na licenciatura é possível mantê-la viva para resgatar o sentido popular e político que ela representa, em cada espaço onde acontece, nas reuniões sindicais, nos acampamentos, nos assentamentos. Dessa forma, neste estudo defende-se a sua presença na universidade, particularmente, na licenciatura em Educação do Campo.

É preciso compreender que a experiência com a mística nesse espaço não representa um ato encenado, religioso, teatral, mas uma ação intencional de militância, impregnada de formas de manifestar a identidade coletiva de quem busca na universidade formar-se para atuar em escolas do campo.

Trata-se de uma manifestação que reivindica o acesso a esse espaço, mas também a permanência e a qualidade de formação para essa atuação calcada na formação de sujeitos políticos que, por meio de suas lutas, ampliam possibilidades de contribuir para a transformação da sociedade, na busca de contrapor a lógica hegemônica que ampara e baliza o poder e a ordem vigentes.

Referências

- Arroyo, G. M. (2009). Escola: Terra de direito. In: Antunes-Rocha, M. L., & Hage, S. M. (Orgs.). *Escola de direito: reinventando a escola multisseriada*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Arroyo, G. M. (2010). A educação básica e o movimento social do campo. In: Arroyo, G. M., Caldart, R. S., & Molina, M. C. (Orgs.). *Por uma educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bogo, A. (2012). Mística. In: Caldart, R. S., Pereira, I. B., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 473-477.
- Brasil, (2002). Diretrizes Operacionais para educação básica nas escolas do campo.

- Caldart, R. S. (2003). A escola do campo em movimento. *Currículo sem fronteiras*, 3(1), 60-81.
- Caldart, R. S. (2009). *Por uma educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Coelho, F. (2014). *A alma do MST? A prática da mística e a luta pela terra*. Dourados, MS: Ed. UFGD.
- Comilo, M. E. S., & Brandão, E. C. (2010). Educação do campo: a mística como pedagogia dos gestos no MST. *Revista Eletrônica de Educação*, 3(6).
- Correia, D. M. N., & Batista, M. S. X. (2012). Alternância no Ensino Superior: o campo e a universidade como territórios de formação de educadores do campo. In: Antunes-Rocha, M. I., Martins, M. F. A., & Martins, A. A. *Tempo Escola e Tempo Comunidade: Territórios Educativos do Campo: escola, comunidade e movimentos sociais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).
- Fernandes, B. M. (2009). Diretrizes de uma caminhada. In: Caldart, R. S. (Org.). *Por uma educação do Campo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Medeiros, E. C. (2002). *A dimensão educativa da Mística sem terra: a experiência da escola Nacional "Florestan Fernandes."* (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Piatti, C. B. (2014). *Experiências de alternância no campo: expressões de cultura*. *Boletim Educarte*. 1(1).
- Pires, A. M. (2012). *Educação do campo como direito humano*. São Paulo: Cortez Editora.
- Silva, M. S. (2017). Educação do Campo e políticas educacionais: avanços, contradições e desafios. In: URT, S. C. (Org.). *Políticas Educacionais e formação: produção, projetos e ações em educação*. Campo Grande: Editora Oeste.

Recebido: 24/09/2019

Aceito: 05/04/2020

Publicado: 25/02/2021

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.